



Presença da filosofia e da antropologia em *Totem e tabu*: Freud, entre Kant, Hegel, Frazer e Schopenhauer¹

*Philosophy and anthropology in Totem and taboo: Freud, Kant,
Hegel, Frazer and Schopenhauer*

Josiane C. Bocchi^[a], Rodrigo Barros Gewehr^[b], Luiz Eduardo Prado de Oliveira^[c]

^[a] Pós-Doutoranda e professora colaboradora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP - Brasil, e-mail: b.josiane@gmail.com

^[b] Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Doutorando na Université de Paris 7 Denis Diderot, Paris - França, e-mail: poesiatododia@hotmail.com

^[c] Docente na Université de Paris 7 Denis Diderot, Paris - França.

Resumo

Freud cita amplamente, em permanência, a obra de Frazer. *Totem e tabu* parece ser uma longa paráfrase deste autor, exceto nas últimas páginas, quando Darwin e dois antropólogos de menor estatuta que Frazer aparecem: Atkinson e Smith. Freud propõe uma ficção sob a forma de uma paleoantropologia. Mas os comentários de Freud a respeito de Frazer são também pontuados com citações de filósofos que marcaram seu pensamento, sobretudo de Schopenhauer, Kant e Anaximandro, cujo texto era quase desconhecido na época e que

¹ A autora Josiane C. Bocchi realizou o trabalho no período de vigência da bolsa de Pós-Doutoramento, FAPESP (2009/54555-8).

se viria revelar mais complexo do que o imaginava Freud. A psicanálise parece obedecer em suma ao projeto de Kant de constituir uma antropologia filosófica ou uma filosofia prática, através da terapêutica.

Palavras-chave: Psicanálise. Antropologia. Filosofia. Ficção. Metodologia.

Abstract

Freud quotes extensively from Frazer. Totem and taboo appears as a long paraphrase; except for the last pages, when Darwin and two anthropologists of lesser importance than Frazer, Atkinson and Smith appear. Freud proposes a fiction with a paleo-anthropological disguise. But Freud's commentaries about Frazer are also adorned with quotations from philosophers who have marked his thought, mainly Schopenhauer, Kant and Anaximander in his work under consideration. Anaximander was not well known at Freud's time and when he got to be known his text proved unsuitable for Freud's use. Psychoanalysis seems to obey Kant's project of an anthropological philosophy or a practical philosophy, through therapy.

Keywords: *Psychoanalysis. Anthropology. Philosophy. Fiction. Methodology.*

Trabalhamos agora particularmente sobre algumas das primeiras ocorrências da presença da filosofia na obra de Freud. Concentramos aqui em suas cartas de juventude e em *Totem e tabu*. Esta concentração, este enfoque se justificam. Em primeiro lugar, as apreciações amplas e genéricas a respeito da presença da filosofia na obra de Freud mostraram seus poucos resultados e limites. Vejamos, um breve resumo de uma dita topografia filosófica freudiana:

trata-se de uma estrutura em círculos concêntricos que, segundo o grau de importância e de frequência das referências, converge em direção a um núcleo central. Deste ponto de vista, temos um centro ideológico fácil de detectar: é Schopenhauer. Em torno deste centro, gravitam três satélites: Nietzsche, Kant e Platão. Enfim, uma série muito diversificada compreende tantos filósofos quanto utilizações contextuais, como já vimos no capítulo precedente (ASSOUN, 2009, p. 185).

E, logo depois: “eis aí o verdadeiro caminho da inteligibilidade da função filosófica freudiana, através destas escolhas de objetos fundamentais (Platão, Kant, Schopenhauer) nos quais se investe o desejo especulativo freudiano e que lhe servem ao mesmo tempo de mediadores e de reveladores” (ASSOUN, 2009, p. 185).

Em que pese o caráter antigo deste texto de 1976, está ele em sua terceira edição, de 2009, sempre tal qual, apesar de um novo prefácio de 1995, onde é feito um levantamento dos termos de “filosofia” e de “filosofar” na obra freudiana. Ora, este tipo de exercício é sempre perigoso, mesmo quando conta com ferramentas bastante sofisticadas, o que não é aqui o caso. Aqui, encontra-se apenas algumas 40 referências em toda a obra freudiana para os termos apontados, enquanto em inglês pode-se encontrar mais do que o dobro para um único desses termos, tendo-se em consideração a correspondência de Freud e a ferramenta da informática, ela própria, entretanto, insuficiente, visto sua incapacidade de contextualizar ou abraçar o movimento intertextual.

Assim, Hegel é um autor que Assoun não considera como fazendo parte nem do centro, nem dos satélites presentes no pensamento de Freud, nem como sendo um objeto do “desejo especulativo freudiano”; é ainda um autor indicado apenas uma vez na *Standard Edition* e três vezes na edição informatizada da *Psychoanalytic Editor Publishing*. Ora, Hegel é um autor essencial ao pensamento freudiano, não obstante Freud parecer declará-lo “obscuro”. Ele está presente em toda parte. Não existe metapsicologia sem se levar em consideração a sombra do pensamento hegeliano. A “dinâmica” freudiana ou o “retorno do recalçado” correspondem à dialética hegeliana. As leituras que Freud faz de Kant ou de Schopenhauer já são inteiramente informadas pela presença de Hegel, que Freud o tenha lido diretamente, na fonte, ou não. Freud certamente estudou os discípulos de Hegel. Em uma carta de 7 de março de 1875, endereçada a seu amigo de infância Eduard Silberstein, Freud afirma, a respeito de Feuerbach que ele é “entre todos os filósofos, aquele que mais admiro e respeito” (FREUD, [1875] 1990, p. 138-139). Pouco depois, numa carta datada de 11 de abril, Freud discute certos aspectos do pensamento de Kant e manifesta seu interesse

em relação ao pensamento de Brentano. Ambos, Feuerbach e Brentano, são discípulos de Hegel, bastante próximos a ele, embora o critiquem.

Assim, uma outra estratégia para a apreciação da “topografia filosófica freudiana”, caso queiramos guardar tais termos, se impõe. Na estratégia que propomos, não se pode considerar a filosofia como o apêndice de uma disciplina que seria a psicanálise, inventada por Freud a partir do nada, puro objeto de seu “desejo especulativo”, título pomposo para “curiosidade”, no melhor dos casos. Considerá-la assim corresponde a se condenar a fechar a psicanálise, que é uma forma de pensamento como outra qualquer, sem levar em consideração nem sua história nem sua situação.

De um ponto de vista histórico, a psicanálise se situa na encruzilhada de várias correntes de pensamento. Há uma corrente psiquiátrica, sem dúvida. Lembremos que um dos primeiros livros de psiquiatria, obra de Pinel, tem como título *Tratado de medicina filosófica* e que durante muito tempo assim é considerada a abordagem dos problemas não enquadrados no campo das doenças do corpo. Kant é um dos primeiros a considerar que filósofos e os médicos devem unir-se para compreender as doenças mentais. A própria psiquiatria já se encontra em uma encruzilhada entre “fiscalistas” e “espiritualistas”. Ainda outra corrente que aparece na arborescência da psicanálise é a antropologia. Um de seus principais criadores é Kant, que escreveu uma *Antropologia do ponto de vista pragmático*.

As próprias palavras têm sua história, como sabemos. Antes do século 12 não existem “filósofos”, antes do século 17 não existem “antropólogos” e antes do século 19 não existem psicanalistas. O que, entretanto, não quer dizer que os homens nunca pensaram sobre o fato de pensarem, ou nunca estudaram outros homens de mundos diferentes do seu, ou que nunca souberam que eram depositários de mistérios que Freud desvendou.

A particularidade da concepção kantiana da filosofia é que a considerava como devendo ser analítica. Cito Kant ([1768] 1985, p. 138-139):

pode-se então admitir que, se nos fosse possível penetrar a maneira de pensar de um homem, da forma como se revela tanto por atos internos quanto externos, e de modo suficientemente profundo para conhecer

cada um de seus motivos, mesmo o menor deles, como todas as situações exteriores que podem agir sobre tais motivos, poderíamos calcular a conduta futura deste homem de modo tão preciso quanto um eclipse da Lua ou do Sol, sem deixar de declarar que o homem é livre.²

A compreensão do modo de pensar de um homem tal como aparece em seus atos internos e externos, em outros termos, é a análise de sua alma, ou seja, a psicanálise – literalmente análise da alma, *Psyché*. Para tanto, Kant escreverá uma *Antropologia*.

Entre *totens e tabus*

Totem e tabu é um livro de estranha arquitetura, que hipnotiza o leitor. *Totem e tabu* chama nossa atenção para um conjunto de fatos e abordagens destes fatos, para mudar inteiramente sua orientação momentos antes de se concluir. Dividido em quatro partes, algumas delas se subdividem e algumas vezes estas próprias subdivisões se dividem ainda mais. Amplamente apoiado em Frazer, que Freud cita algumas 80 vezes, as vezes *Totem e tabu* parece ser um permanente comentário, senão um simples resumo do que escreveu Frazer e do que escreveram autores citados por Frazer. A estes comentários ou resumos, Freud aplica algumas categorias da psicanálise nascente: a noção de ambivalência, herdada da definição que Bleuler propõe para a esquizofrenia; a noção de narcisismo, herdada de Karl Abraham; a função do nome, herdada de Stekel, às quais Freud acrescenta a noção de projeção e seu interesse pelo luto. Entretanto, tudo isso parece ser uma simples preparação para o que se vai desencadear no final do texto, a saber o mito da horda primitiva, do assassinato do pai, da refeição canibálica onde se consume seu corpo e da nova ordem social criada a partir daí. Nestas últimas páginas, Freud acrescenta a Frazer uma hipótese de Darwin trabalhada por Atkinson que o inspira. A partir daí, Freud repete com muita

² Ver PRADO DE OLIVEIRA. *Les pires ennemis de la psychanalyse*, Montréal: Liber, 2009; KANT, I. (1768), *Critique de la raison pratique*. Paris: Gallimard, 1985. Tradução de L. Ferry et H. Wismann. Também: Paris: Flammarion, 2003. p. 205. Tradução de J.-P. Fussler.

frequência sua hipótese, quase como uma fórmula mágica. Trata-se de uma obra de ficção paleoantropologia.

Quanto ao caráter intertextual, em que os textos aparecem em rede com outros textos, a tradutora francesa de *Totem e tabu* adverte: “dados os hábitos de tradução de Freud e seu uso pouco rigoroso das aspas – do ponto de vista contemporâneo – por vezes é difícil distinguir a citação livremente traduzida da reformulação pessoal ou da paráfrase” (FREUD, [1913] 1993, p. 58). “Como a propósito de Frazer, a comparação com o texto original revela que é difícil fazer a distinção entre o que é citação, adaptação livre, e reformulação pessoal” (FREUD, [1913] 1993, p. 276). Todo texto se situa num tecido intertextual. Os pontos sobre os quais insiste a tradutora francesa permitem melhor compreender o método de exposição freudiana, ou seja, o dispositivo de seu argumentário.

E é o próprio Freud que adverte, por sua vez, atraindo nossa atenção sobre dois pontos muito importantes, limitando o alcance de suas próprias teses:

não há lugar para o temor de que a psicanálise – primeira a descobrir a sobredeterminação constante dos atos e das formações psíquicas – seja tentada de derivar algo tão complexo quanto à religião de uma só origem [...]. Apenas uma síntese feita a partir de diferentes domínios da pesquisa pode decidir que importância convém atribuir, na gênese da religião, ao mecanismo que tratamos aqui; mas tal tarefa ultrapassa tanto os meios quanto os propósitos do psicanalista (FREUD, [1913] 1993, p. 227).

Noutras palavras, não há razão alguma para generalizar as teses relativas ao papel paterno na origem da cultura. Alias, é ainda uma advertência de Freud: paterno ou, melhor dizendo, “...parental” (FREUD, [1913] 1993, p. 312).

Outra ressalva feita por Freud:

mas talvez seja bom expor inicialmente ao leitor as dificuldades que precisam ser enfrentadas para o estabelecimento de fatos neste domínio [...]. Em primeiro lugar, as pessoas que recolhem as observações não são as mesmas que as elaboram e as discutem. Uns são viajantes e missionários, outros são homens de ciência que talvez jamais se depararam com seu objeto de pesquisa. Em segundo lugar, a comunicação com os

selvagens não é fácil: nem todos os observadores conheciam as línguas dos povos estudados, ou tinham que recorrer a intérpretes, ou discutir com aqueles a quem interrogavam através de uma língua auxiliar, o *pidgin english*. Os selvagens não são comunicativos no que concerne aos elementos mais íntimos de sua civilização e só se confiam a estrangeiros que passaram muitos anos entre eles. Pelas razões mais variadas, fornecem frequentemente informações falsas ou confusas. Por outro lado, não se deve esquecer que os povos primitivos, longe de representarem povos jovens, são tão antigos quanto os povos civilizados e não se pode esperar que, para garantir nossa instrução, tenham mantido suas ideias e instituições originais sem a menor evolução ou transformação. É certo, ao contrário, que transformações profundas se produziram em todo sentido, de modo que fica difícil delimitar com precisão o que foi conservado dos traços originais do passado, nas condições e opiniões atuais dos primitivos, e o que corresponde a uma transformação e de-formação (FREUD, [1913] 1993, p. 230-231).

Noutros termos: o que diz Freud é que este trabalho, cujas teses têm um alcance limitado, se apoia em dados bastante discutíveis. Freud ([1913] 1993, p. 312) insiste:

tendo o hábito dos malentendidos, não acho supérfluo sublinhar claramente que as explicações propostas aqui nunca esquecem a natureza complexa dos fenômenos que tentamos deduzir e que pretendem somente acrescentar às origens – já conhecidas ou ainda desconhecidas – da religião, da moral e da sociedade, um novo fator ligado às exigências da psicanálise,

para a qual, entretanto, cumpre dizer, Freud reivindica o papel principal.

Apelo aos antepassados

É neste conjunto de discussões, de avanços e recuos, de hesitações e afirmações que Freud busca confirmação de suas teses junto a Kant, Schopenhauer e Anaximandro, de maneira direta e indireta.

A primeira vez que o faz é logo em seu prefácio de 1913: "...o tabu, no fundo, se perpetua entre nós ; ainda que formulado de maneira negativa e com outros conteúdos, por sua natureza psicológica, apesar de tudo, sem ser em nada diferente do 'imperativo categórico' de Kant" (FREUD, [1913] 1993, p. 65).

Em seguida, no começo da segunda parte de seu estudo: "O tabu e a ambivalência dos sentimentos", justificando seu interesse em relação ao tabu, Freud retoma este mesmo argumento: o estudo do tabu pode esclarecer o que é o "imperativo categórico" (FREUD, [1913] 1993, p. 108).

Ainda sobre o mesmo tema, o "imperativo categórico" se amplia: "a consciência moral tabu é sem dúvida a forma mais antiga sob a qual nos aparece o fenômeno da consciência moral. Com efeito, o que é a consciência moral? Como testemunha a língua, ela participa do que sabemos com a maior certeza; em certas línguas sua denominação em nada difere da denominação da consciência em geral" (FREUD, [1913] 1993, p. 175).

Ou seja, o estudo dos totens e dos tabus se baseia em ampla leitura de Frazer, à qual Freud aplica conceitos de Kant. Podemos mesmo dizer que o texto de Freud obedece a uma estratégia precisa: colocar Kant de pé com a ajuda de Frazer. É mesmo o que afirma Assoun (2009, p. 185): "Correlativamente, o imperativo categórico kantiano é aproximado do tabu edipiano do qual será uma expressão sublimada". E o autor acrescenta que em "O problema econômico do masoquismo" o imperativo categórico kantiano aparece como "herdeiro do complexo de Édipo", tendo como intermediário o superego.

Este método apresenta um primeiro problema, que é o de confundir as temporalidades e inverter a ordem das gerações. Freud o aplica com muita frequência em *Totem e tabu*: é uma tese de Frazer que vem confirmar uma de suas teses e não o contrário, apesar de Frazer ser um predecessor de Freud. Aqui, é Kant que confirma Freud e não o contrário. É o nascimento do filho que confirma a paternidade do pai. Aliás, Freud não faz nenhuma menção ao pai de Édipo, Laïos.

O que há de positivo neste método, ou seja colocar de cabeça para cima o que está de cabeça para baixo, é herança de Feuerbach e Marx. O que Freud faz é idêntico ao que faz Feuerbach em relação à

Sagrada Família, quando explica ser esta uma projeção celeste da família real existente na terra. Assim, se reinstala Hegel no pensamento freudiano, embora de maneira regressiva.

Freud cita ainda Schopenhauer, sempre em *Totem e tabu*. Lembremos que entre os três principais tabus mencionados, há o tabu dos mortos, seja de tocá-los ou mesmo de pronunciar seu nome, o que leva Freud a uma inverossímil teoria linguística, onde toda a bateria lexical de um povo teria que ser transformada completamente a cada morte. Mais importante, porém, é assinalar que, enquanto as referências a Kant correspondem a uma comparação entre a psicanálise e a filosofia, ambas utilizando as noções de consciência e mesmo de consciência moral, a referência a Schopenhauer é apenas uma alegação: “Segundo Schopenhauer, o problema da morte é o começo de toda filosofia; aprendemos igualmente a atribuir à impressão que a morte produz nos homens a formação das representações das almas e da crença em demônios, que caracterizam o animismo” (FREUD, [1913] 1993, p. 207).

Entretanto, Freud nada diz da relação entre a crença em almas e demônios, por um lado e, por outro lado, a filosofia. Três questões devem ser mencionadas:

- mesmo considerando que a crença em almas e demônios basta para caracterizar o animismo, que, na verdade, é bem mais complexo que isso, o vínculo que Freud estabelece entre animismo e filosofia é simplesmente um laço de contiguidade e não um laço de continuidade³ (ASSOUN, 2009). E ainda bem que é assim, posto que uma leitura atenta da origem da filosofia mostra que os homens não estavam particularmente preocupados com a morte, senão que se interessavam pelas origens do universo, ao céu e às estrelas.

³ Apesar de que talvez um problema de tradução do alemão para o francês exista aqui. “O problema da morte se encontra desde Schopenhauer na entrada de toda filosofia...”, diz literalmente Assoun, aparentemente traduzindo ele próprio, diretamente, o texto alemão, posto não apresentar referências ao texto francês que utiliza. A tradução com a qual eu trabalho diz: “Schopenhauer disse que o problema da morte aparece no início de toda filosofia”. A tradução de Assoun faz com que Freud reconheça um caráter fundador em Schopenhauer, enquanto a tradução que utilizo faz que Freud alegue uma proximidade com o filósofo.

- Levando em consideração o princípio fundamental da sobre-determinação estabelecido por Freud ou, antes, tomado a Hegel por Marx e Freud, a filosofia não deve ser considerada como tendo uma origem única, porém, sim, uma origem, sobre-determinada. Aliás, Freud o observa logo depois, em 1915, em suas “Considerações atuais sobre a guerra e a morte”: não é própria-mente a morte que se encontra na origem do pensamento filosófico, mas o conflito de sentimentos diante de um morto.
- A crítica aos “filósofos” pode, agora, aparecer como crítica de Schopenhauer, em particular (FREUD, [1915] 1988).

De fato, trata-se de um problema importante na leitura de Freud, o de saber a quem se refere ao atacar “os filósofos”, quando Kant e Hegel constituem o núcleo de seu pensamento. Outros estudos, minuciosos, se impõem. Freud parece criticá-los para se apoderar da filosofia sem reconhecer qualquer dívida em relação a ela.

Um último exemplo

Há um último filósofo presente em *Totem e tabu*, que é Anaximandro. Trata-se de um filósofo pré-socrático bastante importante, provavelmente o primeiro a utilizar a noção de *arkhé* para designar a origem, o começo do mundo e das coisas que nele estão. Freud invoca este filósofo na última parte de seu livro, cujo título é “O retorno infantil do totemismo”. O título não corresponde em nada aos assuntos de que Freud trata, que merecem considerações separadas. Nesta parte trata-se do mito da horda primitiva, do assassinato do pai e de seu consumo canibólico. Freud necessita buscar nas lendas mais antigas o fundamento do mito que propõe.

“Em um fragmento de Anaximandro”, escreve Freud, “diz-se que a unidade do mundo foi rompida por um crime perpetrado no começo e que tudo que resultou deve continuar a sofrer por isto” (FREUD, [1913] 1993, p. 307). Mas ocorre que se trata de uma citação de segunda mão, o que não é raro neste texto de Freud. Na ocorrência, trata-se de uma

citação de *Cultos, mitos e religiões*, de Salomon Reinach, arqueólogo he-lenista que, na verdade, cita outros autores que citam Anaximandro, configurando assim uma citação para Freud de terceira ou quarta mão, sem rigor.

Reinach é um autor interessante para o estudo da intertextua-lidade nos textos de Freud. Sua importância vem do fato de ter par-ticipado na querela arqueológica sobre a existência ou não de Jesus. Freud segue Reinach neste ponto também, guardando um certo ceti-cismo quanto ao cristianismo, da mesma forma que mantém um certo ceticismo quanto à existência de Shakespeare. Mas estas já são outras histórias. Hoje em dia, conhece-se melhor Anaximandro e o “argumen-to de autoridade” utilizado por Freud quando o cita deve ser afastado. O filósofo pré-socrático não parece ter algum dia escrito o que quer que seja a respeito de um “crime perpetrado no começo”.

Então, vemos qual é o dispositivo do texto freudiano: baseia-se amplamente em Frazer, utiliza um filósofo recente, Schopenhauer, um filósofo mais antigo, Kant, e um filósofo antiquíssimo, Anaximandro, para validar suas teses, que acabam vindo de outras fontes, na ocor-rência Atkinson e Reinach. Tal dispositivo teórico parece muito com o dispositivo da análise dos sonhos e mesmo com a técnica da hipnose, ou seja, chamar a atenção para algo propondo, ao mesmo tempo, outra coisa. No fim das contas, é isso o que fazemos todos quando queremos chamar a atenção para algo de que não temos certeza.

Referências

ASSOUN, P.-L. **Freud, la philosophie et les philosophes**. 3^e. éd. Paris: PUF, 2009.

FREUD, S. **Lettres de jeunesse**. Paris: Gallimard, 1990.

FREUD, S. **Totem et tabou**. Paris: Gallimard, 1993. Publicado originalmente em 1913.

KANT, I. **Critique de la raison pratique**. Paris: Gallimard, 1985. Publicado originalmente em 1768.

KANT, I. **Critique de la raison pratique**. Paris: Flammarion, 2003. Publicado originalmente em 1768.

PRADO DE OLIVEIRA, L. E. **Les pires ennemis de la psychanalyse**. Montréal: Liber, 2009.

Recebido: 25/05/2011

Received: 05/25/2011

Aprovado: 21/06/2011

Approved: 06/21/2011